Anno II — OVAR, quinta-feira 25 de Novembro de 1909 — Numero 83

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida
Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira
Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,,
Composição e impressão—IMPRENSA CIVILISAÇÃO
de Viuva Lemos & Gonçalves
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.
Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

Ovarenses

Seguindo de longe, mas sempre o vosso viver social como de individuos que se estremecem por nos ligarem os laços intimos e affectuosamente inolvidaveis do patriotismo, hoje volvo de novo a fallar-vos. E' que é bem solemne o momento da vida da nossa querida patria para merecer que eu, isento das paixões que por vezes vos obcecam o espirito sempre propenso para o bem, vos diga a verdade e vos esclareça.

Fallei-vos pela primeira vez incitando-vos a dotar a nossa querida patria com uma instituição de beneficencia, de que estava carecida e que tão necessaria era para mitigar as amarguras da muita miseria que ahi soffre angustiada e resignada, apezar do desdem com que se vê encarada e que a alanceia tanto como as privações e dôres que soffre.

Accud stes fervorosos ao meu appêllo porque intuito tão generoso já de ha muito vos estuava no peito e aguardava ancioso o primeiro ensejo de soltar a represa e cachoar no caudal de beneficios que d'elle promana. Tive a suprema ventura de vos propiciar esse ensejo.

E febrilmente marchastes á conquista d'esse ideal ha tanto tempo affagado na vossa mente e acalentado no vosso coração e opulentos foram os benesses que auferistes n'essa marcha triumphal. Quando, porém, vos acercavas do vosso objectivo, paralysa-se o exercito em marcha.

Fica immovel e encara-se com desconfiança. Os commandantes dizem-se affrontados por asperas censuras ao seu plano de campanha e julgam-se impotentes para suffocarem as manobras subversivas que lhe tolhem a plena execução e sobretudo para vencerem a resistencia passiva que lhe offerece o grosso do exercito. Os subordinados, despeitados, manteem-se immoveis e indifferentes por se julgarem affrontados por mal cabidas selecções.

Que extraordinaria aberração!

Que deploravel equivoco!

E' o mesmo espirito desconfiado e altivamente arisco que vos conheço da minha adolescencia e que occulta aos desprevenidos a vossa dedicação sem limites, o generoso estuar do vosso coração.

Os dirigentes, que não se impozeram e aos quaes, pelo contrario, foi imposto o escabroso encargo de marchar na vanguarda, executam com a sua actividade inexcedivel o plano que lhes foi tracejado e aproveitam sem escolher os elementos que se lhes offerecem a coadjuval-os.

As classes populares que, por um excessivo melindre, não se offereceram a tomar parte n'esse encargo que a todos competia, reputam-se desconsideradas por não lhes distribuirem trabalho que não solicitaram!

Desde o começo foi toda a população d'Ovar sem distincção de gerarchias, classes ou sexos convidada a confraternisar no esforço preciso para implantar com segurança e desafogo a Misericordia. E esse esforço não é tão pequeno que possa impunemente desdenhar-se a mais pequena parcella quanto mais a numerosa e valiosa classe popular.

Povo d'Ovar, convencei-vos que impensadamente laboraes n'um erro. Se o vosso despeito fosse justificado eu seria o primeiro a compartilhal-o e a protestar energicamente contra o leviano proceder que vos affrontasse. Affrontando-vos, affrontavam-me, porque eu sou oriundo, como sabeis, da classe popular, e com ufania o recordo. Se com o esforço da minha intelligencia e com os sacrificios, bem penosos por vezes, de meus paes alcancei uns pergaminhos scientificos que se conquistam e não se herdam nem se recebem como graça régia, a illustração, que d'elles me póde advir, devo-a ao meu trabalho, ao meu proprio esforço, e não me foi legada por pulverulentos e enfatuados antepassados. Ainda assim a acquisição d'esses pergaminhos, que já não uso e tenho fechados n'uma gaveta, determinou-me menos ufania e menor satisfação do que a manifestação, excessiva e requintadamente amavel, como é proprio dos moradores d'esta villa, que em 1 de maio de 1906 me fizeram todas as classes sociaes d'Alcobaça vindo agradecer-me as horas consumidas, os cuidados por mim dispensados para mitigar as acerbas amarguras dos filhos do povo, meus irmãos, torturados pela desdita. Incutiu-me ella a persuasão, a mais ineffavel para mim, de que eu havia cumprido o meu dever social expontaneamente offerecendo-me para amparar os que, mais fracos do que eu, caiam prostrados no aspero caminho da vida.

Essa consolação ineffavel como nenhuma (reconhecel-o-heis quando a sentirdes se ainda não vos empolgou) compartilhae-a commigo, empenhando todos os vossos esforços, sem necessidade de solicitação, na campanha ahi aberta para extinguir a miseria ou pelo menos suavisal-a.

Aos dirigentes lembrarei que nada n'este mundo se alcança sem contratempos e contrariedades que se soffrem com resignação tendo em mira o fim elevado que se alveja, e que nenhum mais do que este, em que se repara uma grave injustiça social, merece o esforço da conformidade e da resignação sem o qual merito algum tem o que se faz.

A's classes populares recordarei que não teem motivo para despeitos, e que, quando o houvesse, eram elles por extremo futeis para se erguerem como barreira intransponivel á conquista de fim tão nobre e de gloriosa ufania para ellas cuja collaboração diligente é indispensavel para o exito, como é arrancar os nossos irmãos desvalidos do pôtro da dôr, do esterquilinio da miseria.

E recordar-lhes-hei ainda que a arraia meuda foi a madre d'onde surgiram os nobres e potentados que outr'ora se ensoberbeciam com o brilho dos seus brazões, com as largas prerogativas do seu poderio. Os mais humildes mesteiraes com o denodo do seu animo e com o vigor do seu braço conquistavam as esporas d'ouro de cavalleiro e d'ahi ascendiam aos mais elevados titulos nobiliarchicos.

E' que hodiernamente só é nobre e merece ser por todos acatado e reverenciado o que se eleva acima da craveira commum pelas suas virtudes e pela benemerencia dos seus actos.

Filhos do povo, tendes agora excellente ensejo de conquistar as vossas esporas d'ouro de cavalleiros. Avançae intrepidos, distingui-vos na campanha beneficente que ahi está empenhada, que a corôa de gloria, esmaltada pelas perolas crystallinas das lagrimas de reconhecimento dos desventurados aos quaes suavisardes o soffrimento, vos cingirá a fronte, conferindo-vos a nobreza que mais deveis appetecer.

Por isso a todos sem distincção de classes, digo: ponde de lado o desanimo e desalento, inscrevei-vos como socios da Misericordia, os que ainda não forem, e procedei com todo o cuidado, com o mais meticuloso escrupulo á escolha de homens probos, honrados, activos, energicos e que só se preoccupem com a sorte dos desventurados, para a gerencia d'essa instituição de caridade e secundae-os com zelo e dedicação que em breve lograreis a ventura de vêr amparados os desvalidos da nossa querida patria.

Alcobaça, 18 de novembro de 1909.

Francisco Baptista Zagallo.

A OBRIGA

LOS LIBERALES

Não sei se sabem, em Espanha, a guerra de morte entre Moret—estampilha liberal monarquica—e Maura o reaceonario assassino, acabou ás vias de facto de um conchavo amigavel. Ao intento.

Todos os liberaes portuguezes, arraçoados na manjedoura monarquica, os temos, de convicção e experiencia certa, equivalentes ao liberal Moret na irreductibilidade e firmeza de seus principios... sem lhes fazermos desfeita.

Assim, a Junta Liberal interessa-nos acidentalmente, e os monarquicos de todas as côres que n'ela figuram de todo em todo nos deixam frios, culpa, é claro, do soprozinho de infante com que acalentam a liberdade.

Desde a falencia estrondoza e total do salvador Dias Ferreira, cujo ministerio liberal foi um efemero entreacto, desde a ovação a D. Carlos n'uma tourada, pela sua anodina, palida afirmativa de sentimentos liberaes, desde ahi, a monarquia constitucional portugueza em acto algum perdeu a ocazião de se mostrar, declaradamente, sobremaneira beata.

Os ultimos anos do reinado carlista foram de regressão violenta e ferina, sob o patronato do nuncio e dos jezuitas, o actual, prezente reinado de D. Manoel toda a gente o conhece, correntemente, na sua feição ultramontana: — indissociavel, carateristica.

Dos jezuitas, congreganistas, prelados,—mais breve, da reação—é o poder, ao prezente; e, no futuro, portas a dentro da monarquia, só á reação o poder compete. Não damos aqui palavras fazendo as vezes de um sentido, é o ensino dos factos impondo-se, e de seguro determinando ezatas, clarissimas ilações.

Só uma injenuidade que, em homem, é força chamar patetice, ou só, então uma degradante, mesquinha forma de negociar com ideas e sentimentos de escol, rebaixados para que politicos os aproveitem e subam, só esta cauzalidade, ou a sua correspondente, explicam que se pertença á Junta Liberal sendo-se monarquico militante, confesso.

Admitimos a Junta Liberal constituida por elementos extra-partidarios, no caso, especial, portuguez, consequentemente fadada a influencia restrita e ação acessoria, visto como o problema de vulto é o da liquidação da questão politica; admitimol-a, assim, ainda, mas o que ajuizamos incongruente e consideramos disparatado é a adezão que lhe oferecem vultos monarquicos dentro de seus partidos e rejime persistindo, apoz, mesmo, a filiação no novo organismo... por força das circumstancias insusceptivel de conciliação com a monarquia.

Ora, isto aclarado e exposto, estavamos dispensados de ir a Aveiro assistir—como espetadores aderentes—á conferencia de Egas Moniz. Não viamos n'ela a *situação clara* que nos convence e que era tempo de definir, ficámos, pois, a vêr o caír da chuva que leva ahi os ribeiros cheios.

Antonio Valente.

ECHOS DA SEMANA

Onde lhes dóe...

«O Dia», aquelle ex-vermelho orgão da dissidencia, classifica de «injusto e inexato» o celebre artigo do *Manchester Guardian*, a que n'outro logar aludimos, desenvolvidamente, e de que transcrevemos uns trechos; artigo que os nossos monarquicos trazem atravessado nas guelas. E' «inexato e injusto» vae dizendo aquele, por dezabafo. Que bem o dizes lindeza.

Inexatissimo... Injustissimo...

A invencivel

Referimo-nos á nossa armada, orgulho de quantos heroes do mar do Terreiro do Paço a avistam.

Vae ter instalações radiotelegraficas, que assim o disseram as informações dos periodicos.

Por este teor, expresso:

«São 8 as estações telegraficas sem fios a montar para o serviço da marinha de guerra, tres dos quaes brevemente estarão concluidas: uma no cruzador D. Carlos; outra no S. Gabriel e outra no mastro da majoria do arsenal de marinha, devendo installar-se depois mais tres: no cruzador S. Rafael, na canhoneira Tejo e no Adamastor ou S. Gabriel. A seguir, duas nos restantes navios e outra no presidio da Trafaria».

Vae haver viajem de longo curso com operações de importancia a comunicar *urbi et orbi*. Naturalmente, conquistar a China e readquirir o monopolio dos mares, que o não pode fazer por menos o leão dos mesmos, e fazendo-o, o quer notorio e publico por obra e graça da telegrafia sem fios.

Mas fora de mangação:—gastar dinheiro com as reaes naus . . calheiras . . E' não lhe ter amôr, de casta nenhuma.

O inquerito

Ainda não passámos de reuniões, e ha que tempos o reinado dos adeantamentos passou ás vistas da historia... Ainda não passámos, nem passaremos. A ditadura franquista, para os rotativos, e mais partes, só não foi boa por os ter excluido do bolo; e quanto ás ferocidades franquistas cada maioral do rejime mal se cace empoleirado ao podêr ganha figadeiras de *malfeitor*. O melhor pois, já que é forçozo, para atirar poeira, mexer n'aquilo, é fazel-o com mil resguardos... não vá ficar-lhes o rabo dentro.

Pagodes!... Coerencias!...

Bichinha-gata

Os rejeneradores vilhenistas que fazem quartos de sentinela no «Diario Popular» deram, com o regresso do loiro snr. Alpoim, envernizadela de luxo aos mutuos laços de amôr eterno, fazendo a apolojia pindarica de alguns *prohombres* da dissidencia. Era cazo para nós, se fossemos da grei vizada, gritar alerta! que já o inimigo invadiu o Kraal... Mas Vilhena e Alpoim, nobres e leaes estadistas, não se aferem por tal medida—nunca se mordem, portanto. Requebram-se? pois é porque de *verdad* se querem. Só é pena que o papão—padastro dos Navegantes lhes negue licença para o matrimonio... do podêr. Haviam de sêr um ezemplo...

Perjurio

E' como sóe chamar-se o editorial de «A Discussão», para a qual, a monarquia em perigo (é a jirandola final do escrito) terá que sêr salva, graciozamente, «pela onda liberal que se alastra...»

Côrro a salvar-te, são pois os liberaes, que de cambulhada, formando uma onda, galgarão serras e vales até topar D. Manoel—rei liberal—que, sobrenadando, sem milagre que se não creia, será salvo, são e escorreito.

Pois nós, vá a confissão da nossa miopia, ainda não tinhamos dado por tal. Mas já ficámos sabendo... que toda a campanha liberal faz fincapé e razão de sêr... na salvação da monarquia.

«A Discussão» nol-o ensina...

Agoiro

Telefonemas para a imprensa do norte, noticiaram que conferen-

ciaram Eduardo Johon e o titular da pasta da fazenda.

Eduardo Johon, reprezentante da casa Burnay, essa que está ao paiz em boa soma de milhares de contos. Que viria a querer do ministro a famoza ave de rapina?

Cheirar-lhe-ha a enterro?...

Os que progridem

Sumula de um interessante e elucidativo artigo de «A Lucta»:

Ha, em França, 31:637 cursos escolares para adultos aprendendo a ler e escrever ou aperfeiçoando-se no que adquiriram na escola; e, com identico fim, para raparigas ha 18:967 cursos, com uma frequencia de 206:147 alunas. As discipulas, alem da cultura jeral primaria recebem lições praticas de hijiene, puericultura e trabalhos domesticos.

As conferencias de vulgarização popular das ciencias e conhecimentos uteis em 1908 atinjiram a linda soma de 76:556. Mas, o mais elevado, o mais notavel, é o dezenvolvimento e o ezito da mutualidade escolar.

As associações de socorro mutuo escolar sobem a 3:394, e contam 814:000 socios. As quotas pagas, ascenderam no ultimo ano a 900 contos de reis, e a importancia dos subsidios por doença foi de 1 milhão de francos—duzentos contos de reis. E' admiravel—mas ha mais: está em preparação um projecto de lei tornando obrigatoria a mutualidade escolar, ficando a cargo do estado e dos municipios o pagamento das quotas dos estudantes pobres.

...Vejam agora a nossa mizeria, o nosso atrazo, a absoluta indiferença, senão odio, dos nossos governos e municipios pela instrução.

Nós, aqui em Ovar, para não sairmos de caza, temos 5 escolas para 2:000 creanças, e quanto a cursos para adultos vamos ter *um*, custeado pela Associação das Escolas Moveis e pelo partido republicano local.

Mutualidade escolar, para a nossa jente, é uma novidade linguistica, e o que se diz cá de caza tem aplicação a todo o paiz.

E não se diga depois que a monarquia liberal—oitenta anos de constiticionalismo *profeito* — tenha dado má conta do seu recado.

E' o que veem.. aquelles que abrem os olhos.

Pro domo nostra

III

Não se imagine que é sem repulsa e magua que deixamos correr a penna n'estas considerações sobre a nossa terra.

Como escreveriamos com prazer, se tivessemos de elogiar os homens e as coisas, se pudessemos apresentar Ovar como modelo de administração e prototypo de civismo!

Como nos sentiriamos orgulhosos!

Sim! porque difficilmente acreditamos que haja alguem que possa regosijar-se com a verificação do mal, quanto mais em o assoalhar.

De mais a mais escrevemos na firme convicção de que por ninguem seremos escutados, nem pelos dirigentes, que continuarão a trilhar o atalho da rotina e a cultivar a *regedoria*, nem pelos dirigidos, que, immersos na mais profunda ignorancia e dominados por mesquinho egoismo, tambem não terão ouvidos, que nos ouçam, nem olhos, que vejam mais do que as estrictas necessidades da vida vegetativa. *Panem et circenses* gritavam os romanos. Pois nós, no seculo XX, contentamo-nos em satisfazer a viscera gastrica, não reconhecendo ao cerebro o direito de ter aspirações nem ao coração os impulsos naturaes do sentimento.

Mas, se isto é assim, para que gastamos nós o nosso tempo em trabalhar á *contre-coeur* no esboço de um quadro triste?!

Para que em tempo algum se possa dizer com verdade, que o nosso silencio foi cumplice da má orientação, que tem tido e vae seguindo a nossa vida collectiva. Não podemos assistir indifferentes e sem protesto á relaxação, que tudo invadiu.

Não se diga, que somos pessimistas, porque o depoimento assenta em factos concretos e a lição dos factos é inilludivel. Continuemos a depôr.

*
* *

Depois de denunciarmos a destruição das arvores, a ruina das estradas por negligencia ou proposito, a obstrução dos passeios pelo *primeiro copiente*, os despejos das immundicies para a via publica, a conducção dos estrumes a hora e por modo incompativeis com a saude e a commodidade, temos ainda muito, que desfiar sob os actos condemnaveis, que n'uma *passividade* symptomatica se consentem, antes de passarmos a afrontar o que nos falta e que uma *actividade* administrativa dentro do commum deveria promover.

Todos tem visto a lavagem das roupas nas fontes publicas. E' intuitivo o perigo d'ahi adveniente, pois é de elementar conhecimento, que pelas roupas sujas, serviado a doentes, se faz muito facilmente a transmissão morbida. Se por falta de educação não podemos contar com a iniciativa particular para evitar o mal, seria de rudimentar bom senso e comesinho dever, que as auctoridades competentes interviessem.

Mas não, as lavadeiras podem inquinar as fontes á vontade, que ninguem as perturbará!

Imaginam, porém, que isto succede fóra de portas, nas fontes ruraes?

Enganam-se; é alli mesmo no Largo Almeida Garrett; é alli mesmo no Largo dos Campos! E' na propria agua dos tanques dos chafarizes, que se mergulha a roupa, para evitar *massadas*! Depois vae seccar-se, onde?

Nas grades da Praça Municipal em frente á Camara!!!

Na agua dos chafarizes lavam as peixeiras os cestos e pelles na mais franca semcerimonia, quando não lhes dá para junto d'elles amanharem o peixe, deixando as tripas ao sol ou na primeira bocca de lobo.

As vendedeiras de fructa, hortaliça ou legumes, deixam tambem o chão alastrado de restos, que, prutefazendo-se, viciam o ar com exhalações fetidas.

Como se faz *praça em toda a parte*, a todos toca um pouco do incommodo.

Outro abuso inqualificavel é a liberdade, em que andam os animaes domestivos por essas ruas. N'uma vimos nós um *porco* preso por uma corda a uma estaca cravada no solo e com o respectivo *gamello* ao pé!...

As gallinhas, então, invadem por toda a parte. Se deixamos aberta a porta da rua da nossa habitação, não tardarão a fazer-nos companhia na sala de jantar ou no quarto de dormir. O peor é que não atravessam *impunemente* os nossos compartimentos. Ainda se se encaminhassem alli para a Praça Municipal a espontar a herva, que lá cresce, graças á madracice senatorial!

Vagueiam pelas ruas um sem numero de cães, que perseguem os transeuntes. Graças a isto, são frequentes as victimas de cães *hydrophobos*.

Um genio estupidamente destruidor impulsiona uma parte da nossa gente, porque não ha momento, que não tenha o seu sello, nem obra, que lhe não sinta os effeitos.

E' a *cantaria* das fontes publicas, é o *capeado* dos muros, são os *assentos* dos passeios, são as *grades* de vedação.

E não cremos, que sejam sómente os *garotos* juvenis ou os *esfarrapados* mal humorados ou rapinantes.

Bacoreja-nos que muita jente de *juizo* e *gravata*, em maré de encalmação, tem concorrido para esses actos de *vandalismo*.

A impunidade é certa, porque as providencias são nullas, e assim não ha parar no caminho do delicto.

E fiquemos por aqui até á semana.

Manoel Nunes.

ARA

A uma Andaluza

—

O' graça,
quando o teu *salero* passa,
cantando,
e o vae seguindo esse bando,
esse bando de saudades...
—teu rizo e minha desgraça
desgraça das amizades;

e a minha alma entre desejos,
procura o bem que perdeu,
num torvelinho de beijos
espalhados pelo ceu;

parece
que é mais triste a minha prece...
Pois quando
tambem a segue outro bando,
outro bando de iluzões,
teu rizo nunca me aquece,
aquece outros corações.

E a minha alma entre desejos,
cisma então que se perdeu
num torvelinho de beijos
espalhados pelo ceu.

Antonio Fogaça.

Amargos de bôca...

—

A viajem real a Espanha e a Inglaterra, que nem as circunstancias de oportunidades externas, nem os interesses nacionaes aconselhavam, para este momento de verdadeira e agudissima crize, foi, é mais que sabido, um pretexto para comprometer o favor da politica dinastica portugueza, o governo e a côrte ingleza. Não podem subsistir duvidas a tal respeito, a monarquia decidia-se á viajem oficioza a Londres com a esperança e com o propozito de arrancar á Inglaterra a neutralidade diplomatica, com o fim de, pela vizão ferveroza dos *Dreadnougts* britanicos, ezercer em Portugal, sobre os portuguezes, uma pressão constrictora. E' diabolico, dirão—mas assim é, e os factos de que se reveste a trama intima da viajem real, eloquentemente, não deixam marjem a incertezas.

Visto que o paiz abandona a monarquia á fatalidade historica, que a arrasta para a morte prossima; visto que a republica—expressão do novo estado social que se tornou a grande e unica aspiração nacional; visto que a republica, lojicamente, é a forma de governo destinada a substituir o sistema falido e agonizante; visto que dentro das fronteiras isso é o irrevogavel;—apezar das guardas municipaes—fosse-se lá fora; a uma nação esmagadoramente poderoza, buscar o apoio que daria firmeza ao trono. Fosse-se, á custa de todos os sacrificios do orgulho, e contra todos os principios uzados no direito, pôr na balança dos nossos conflitos internos o pezo opressôr e rezolutivo da Inglaterra, com todo o seu imenso e fulminante poderio. Fosse-se contra a patria: —ó ezecravel e horrorozo propozito no reinante, nos ministros, nos inspiradores da intenção! fosse-se dizer ao estranjeiro:

«*Vem ao meu paiz impor a tua vontade, ezijir obediencia e sanção aos teus e meus designios*».

Pensamento da côrte, pensamento de politicos monarquicos, propriamente, até, pensamento de quaze todos, senão todos, os partidos da monarquia, quiz-se leval-o á pratica e a efeito com a viajem real e negociações matrimoniaes, tendentes a unir D. Manoel, pelo cazamento, á familia real ingleza. Unido o nosso soberano pelos laços da consanguenidade á côrte ingleza, ajuntavam-se ás influencias e solicitações politicas sentimentos e interesses reaes, de modo que, na hora preciza, inevitavel seria a intervenção.

Portugal teria de sêr bragança: quer *o quizesse quer não*, seria um coacto sem vontade nem liberdade; por consequencia teria de sofrer indefinidamente, com os nossos Coburgos dejenerados, os politicos de oficio devoristas e adeantadores.

Tal o plano: ahi o verdadeiro motivo intrinseco da viajem do nosso rei.

Mas tudo não é o que nós queremos senão o que Deus rezolve, afirma um velho, certo rifão.

Como o grande Elias, D. Manoel foi otimamente recebido na Inglaterra: mas recebido, *somente*. A sua viajem sensibilizou as *min* da city e os *baronets da Rejent-Street*, fez dzer amabilidades ao *Lord-Mayor*, e derreter-se em beijos de confraternização emotiva a S. M. Eduardo VII!

Mas o *essencial*, as declarações de brigantismo, cuidadozamente, quer o rei, quer o governo, as afastaram dos discursos e das conversas protocolares. D. Manoel II, nem uma vez escutou a mais leve e anodina expressão verbal em sua defeza propria:—deve vir, pois, convencido...

Acham-o os inglezes muito simpatico, mas se uma revolução o despedir em nada podem valer-lhe, visto que o acordo inglez é com Portugal e não com o rei. Tal é, toda, a sumula da politica e do pensamento inglez a propozito das nossas couzas.

Ha mais, porem.

E é que, rudemente, essa *opinião publica* ingleza, e essa *doutrina* de *governo*; na propria hora em que o monarca portuguez peja o solo britanico as proclama um jornal *reprezentante do partido politico governamental*, o ponderado *Manchester Guardian*.

O artigo notavel, em que tal se afirma, caiu nos meios monarquicos nossos como uma bomba; tornou-se um insuperavel *amargo de bôca*.

Desmente-os:—formal e categoricamente.

Dizilude-os:—seca e rezolutivamente.

—Não contem com a Inglaterra para lhes sustentar um rejime em decompozição...

—A Inglaterra aceitará, sem a menor relutancia, a solução de uma republica portugueza; a Inglaterra reconhece-nos o direito sagrado da revolução...

Calcule-se... Como não iam ficar os nossos monarquicos.

O melhor, no cazo, é o transcrevermos; o artigo é já conhecido por todo a jente mas nada se perde em tornarem a lêr... e a dijerir.

Vá o *amargo de bôca:*

«Os monarcas, cujos tronos não estão seguros, procuram muitas vezes ganhar prestigio e apoio por meio de alianças de familia com casas reinantes poderosas. O rei Manuel está quasi em idade de casar, e corre o persistente boato de que, com a sua vinda a Inglaterra, se entabolarão negociações para o seu casamento com uma princesa britanica. Não sabemos em que bases positivas assenta este boato, a não ser na estreita amizade que ligava o rei Eduardo ao ultimo rei de Portugal, e na historica aliança d'este país com a Inglaterra. Esse casamento poderia ser aconselhado por causas politicas, pelo que é licito apreciá-lo desde já sob o ponto de vista politico. Esperar para depois de confirmado o boato, seria esperar para quando fôsse já inutil a discussão; e estas alianças matrimoniaes dinasticas teem sido e hão-de continuar a ser assunto de grande interesse nacional.

A discussão deste caso é tanto mais facil porque o casamento da rainha de Espanha familiarizou o povo com as objecções a fazer. As objecções que mais curso teem são geralmente as que se fazem sob os pontos de vista pessoal e religioso. A princesa Ena teve de converter-se ao catolicismo romano antes de ser rainha de Espanha; e se uma princesa inglesa casar com o rei de Portugal, terá de tornar-se catolica romana. Cremos que estas conversões á força repugnam a toda a gente, a catolicos como a protestantes, que veja na religião mais alguma coisa do que um casaco que se póde vestir ou despir, ou deitar fóra, segundo a vontade ou a conveniencia. A conversão da rainha de Espanha desagradou muito no nosso país, e é provavel que agradasse pouco aos catolicos espanhoes; segunda conversão do mesmo genero seria muito mais para desgostar, e isso bastaria para tornar impopular o casamento.

A instabilidade do trono português aumentaria esta impopularidade, pelo dó que inspiraria uma princesa britanica compelida a renegar a sua patria e a sua religião, para correr o risco de, na sua nova patria, ser detestada pelo publico, expulsa, ou mesmo assassinada. O país não esqueceu ainda o perigo que correu a rainha de Espanha no dia do seu casamento. Mas não precisamos insistir neste ponto—o casamento espanhol foi uma questão puramente familiar. Mais importantes são talvez, e com certesa de mais facil compreensão, as razões politicas. Uma aliança, com um trono instavel é egualmente má sob o ponto de vista inglês como sob o ponto de vista português. Tanto os ingleses como os portugueses podem ver com maus olhos uma aliança material cujo unico fim seja amparar um trono que vacila.

E', com efeito, uma infracção a todos os principios—que *sir* E. Grey interpretará decerto com o mais absoluto rigor—**a interferencia, ou mesmo a sua simples aparencia, na politica interna de um país independente. Se a monarchia fôr abolida em Portugal—diz-se que o sentir geral da nação é completamente republicano—não nos compete impedir nem retardar os desejos do povo português.** E não se diga que o casamento não afecta a nossa politica em relação a Portugal. A côrte influe, de facto, na nossa politica externa; e, com as fortes razões que resultam de uma aliança familiar, poderia até certo ponto ferir os interesses da politica britanica. **Hoje, a amizade da Inglaterra com Portugal não depende das fórmas de governo de cada um; a politica interna dos portugueses em nada absolutamente nos interessa.** Se, porém, lhe juntarmos um forte sentimento pessoal, esta perfeita neutralidade, hoje tão facil e natural para nós, terá que arrostar com grandes dificuldades praticas. E, supondo mesmo que esse sentimento pessoal não chegasse ao que prevêmos, ainda assim o casamento se prestaria a objecções. Como simples acto sem qualquer intuito politico, seria, ainda assim, na actual situação de Portugal, insensato e inoportuno».

Socialistas e republicanos

—

Não ha politico nenhum monarquico, quer-nos parecer, que não tenha, ás costas, a afirmação catedratica de não terem os partidarios do socialismo nada de comum em interesses e em fins com a republica burgueza. Como uma aria fonografada—sempre a mesma—teem dito e escrito os paladinos do trono que, os solialistas, melhor e mais frutuozamente podem viver e prosperar em um rejime monarquico que nos rejimes republicanos. As reformas de caracter social, e o progresso socialista são extranhos rejimens politicos:—eis o santo e a senha, a concluzão e a sumula dos oradores e jornalistas monarquicos. Alguns *socialistas* não teem desdenhado seguir n'essas aguas, com certo proveito e *logica pratica*, ainda que, valha a verdade, sem impressão no povo trabalhador, que na sua grande maioria não deixa de vêr o logro e a incongruencia de taes afirmações arbitrarias.

O contrario, isto é, que a realização integral ou parcelar das revindicações do socialismo só pode vingar e desenvolver-se apoz a ilimnação das monarquias e em estados republicanos, isso, é o que, em jeral, com o seu bom senso e a sua apreciação simplista mas ezata, via, vê o povo.

E assim é. Teem-no dito Bebel, o patriarca do socialismo alemão e o reprezentante maximo da ordocsia Marxista, teem-o no seu programa incluido os socialistas italianos, proclamando-o com Ferri, Labriola, etc., etc., e até os proprios tradeunionistas inglezes, os mais desprendidos na social internacionalista o não desconhecem, ainda que, até agora, retirando-o a segundo plano.

Para os socialistas é condição preliminar e essencial,—basica para a constituição d'uma grande influen-

cia socialista—a ezistencia de um rejime republicano. solucionando o problema politico: isto é acsiomatico, por comprovado e assente pela lição historica e pelo raciocinio sociolojico.

Tem-se sofismado, quanto possivel, pois que aos partidos monarquicos e ás lejiões reaceonarias o que convem é a aceitação de tal erro, por virtude do qual tendam a ezistir, separadas e hostis, as grandes forças democraticas: republicanos e socialistas.

D'isso foi um ezemplo a Espanha, onde, até não ha muitos mezes republicanos e socialistas se guerreavam mortalmente:—com desprestijio e perca das duas partes e grande alegria do... rei e dos jezuitas.

A lição dos factos,—a mais frutuoza e impressiva — demonstrou-lhes, aos socialistas, o grande erro de abandonar senão combater o partido republicano, e a consequencia de tal lição acaba de sêr o *bloco* —e este lejitimo—unindo as duas extremas esquerdas do paiz vizinho.

Aliados, os republicanos e os socialistas, trabalham para o mesmo e expresso fim: a Republica.

Disse-o Pablo Iglezias, o incontestado e reconhecido chefe do partido socialista espanhol, e as suas afirmações categoricas foram sancionadas unanimemente pelas delegações partidarias.

«Unimo-nos, republicanos e socialistas, para combatermos juntos em todos os terrenos. Iremos primeiro ás eleições, ajitaremos a opinião em toda a Espanha, e depois, em ocazião oportuna e devidamente preparados, ezerceremos a ação revolucionaria com todas as suas consequencias».

«Instaurada a republica, governarão os republicanos excluzivamente. Nós os socialistas seremos os seus defensores, sem receber nem ezijir nada por isso. Se a Republica de 1873 houvesse tido a seu lado um partido socialista, não teria morrido».

São palavras de quem especialmente autorizado, quer pela pozição nas fileiras socialistas, quer pelo tino, ponderação e rezerva politica que o distinguem entre os reprezentantes superiores do operariado constituido politicamente.

Os monarquicos—os nossos—nada teem dito, como comentario, esquecidos das afirmações e sentenças que tanto lhes hemos ouvido. Quanto aos de Espanha, esses, devem estar furibundos; que a *União* não é para menos.

Republicanos e socialistas, agregados, hão-de fazer-se sentir, decizivamente, nos destinos da desgraçada terra espanhola:—desgraçada pela possessão que tem tido dos dinastas e congreganistas.

«Mas nada teem os socialistas a ganhar com uma mudança de instituições»...

Ele é dos livros: é isso mesmo!...

—

Querido M. Joaquim

Saudade! Gosto amargo d'infelises!
Delicioso pungir d'acerbo espinho!...

Garret.

Hesitei alguns dias sobre se devia dirigir-lhe estas linhas, e sabe porque essa hesitação?

Julgo vêr em si a ingratidão grande, tradicional, completa, do coração humano, atenta a sua friesa para comigo durante estes para mim longos dias de dolorosa ausencia.

O muito amor que lhe consagro, que rapidamente me invadiu ao vêl-o, é que vence o despeito, a irrequieta magoa que me causa o seu procedimento pouco... correto.

Pois que?!

Julgava que seria facil tarefa implantar numa mulher como eu, de temperamento a roçar pela cratera do vulcão de Teide, d'imaginação de vôos aguiferos, o grande amor da Beatris do Dante, de Pedro o Crú, e de repente, como meteoro longiquo; desaparecer do alcance da minha vista terna e meiga, ensombrando-me o meu futuro sorridente?

Não!

N'estes oito dias da sua estada n'esta Flor do Oceano, sob as ramagens copadas desta perene primavera, onde deslisaram tão suaves momentos, recebendo o subtil aroma d'esta flora priveligiada; n'esses poucos dias, saiba-o! cresceu tanto, n'uma tamanha grandesa o meu afeto por si, meu querido, que hoje é-me impossivel viver longe d'aquele que amo.

Sim, confesso-o, amo-o!...

Quem poderá resistir aos seus encantos, ao seu porte gracioso, aos seus olhos d'andalusa (que *salero!*) ao seu todo parisiense?

Quem? Pessoa alguma.

Não resisto, amo-o até ao delirio!

Não me conforta a sua promessa, talvez dolosa, de voltar a esta ilha tão aprazivel no verão proximo, não sei porque, mas receio que não volte...

Porque duvido eu d'esse tão almejado dia em que tenha o prazer sumo de... o tornar a vêr?

Olhe... lembro-me, com um presentimento funebre, do seu colega Belchior que tragicamente se sumiu nos ares n'uma tarde de furiosa ventania.

Terei de experimentar comsigo, querido Belchior, perdão! querido M. J., a dôr de o ver sumir-se para sempre, mergulhando-me em trevas continuas e densas?

Mas... ha mais.

Não calcula, não faz ligeira idea, da ancia em que estou depois que démos o abraço de despedida e que tanto me enterneceu.

Como me disse que era a primeira vez que viajava por mar, e que á partida de Portugal tivera uns certos incomodos, eu que toda me interesso pela sua felicidade, espero com a ancia mais abrasada a chegada d'uma sua missiva que me tranquilise.

O mar e o vento—inconstantes como mulheres — fariam balançar demasiado o vapor em que partiu e... causar-lhe o chamado *enjôo?*

O vapor chegaria sem contratempo ao termo da viagem?

Abalroaria? Algum incendio a bôrdo?

Desculpe, queridinho, estas suposições terrificas, e diga, diga, se n'estes 3 dias de viagem algo houve de anormal.

Aflita em extremo espero resposta sua.

Prolongados abraços da sua

Ilha da Madeira (Funchal)
Nov. de 909.

Leonor.

A aggressão de Cimo de Villa

O «Jornal d'Ovar» quasi nos inhibia de lhe responder pela incorrecção com que se nos dirige, mas as responsabilidades para com o publico e a defeza da nossa propria dignidade obrigam-nos a voltar ao assumpto.

Que tenha paciencia o snr. administrador do concelho, a quem desejavamos poupar, mas que agradeça aos seus amigos... dos diabos.

Taxa-nos o «Jornal d'Ovar» de *calumniadores;* nada menos. Não admitte o erro nem a má informação; accusa-nos logo de *mentir propositadamente.* Não podemos attribuir o *palavrão* ao desconhecimento da sua verdadeira significação, porque isso se não concilia com o uso frequente, que d'elle se faz lá em casa. Pois nem calumniámos, nem errámos, nem fômos mal informados. Cá na casa nunca se desce á calumnia, e, quando errámos, o que é natural por não sermos infalliveis, ou sômos mal informados, apressamo-nos a rectificar.

Nós não affirmámos que o snr. administrador *quizesse* que a desordem *se desse.* Conhecemos o seu temperamento *bonacheirão* para saber que S. Ex.ª não deseja violencias.

O que affirmámos foi que, se S. Ex.ª tivesse sido mais *diligente, podia* ter evitado o conflicto, a não ser que ignorasse o que *toda a gente sabia*, hypothese pouco acceitavel. E assim repetimos:

1.º—Sabia-se d'antemão, que estava imminente um conflicto grave;

2.º—Nada se fez para o evitar;

3.º—Depois de consumado, *absolutamente nada* se fez da parte da administração para se apurar, quem foram os delinquentes;

4.º—O snr. administrador appareceu no local minutos depois do conflicto, quando lhe seria facillimo apurar tudo, prender os indigitados e apprehender os instrumentos do crime *ainda* com os vestigios claros;

5.º—A participação para o tribunal foi arrancada e não espontanea.

Mas se o «Jornal d'Ovar» não quer attribuir tudo isto a protecção descarada aos delinquentes, pergunte ao snr. administrador, o que andou a fazer por casa de uns individuos, que se dizia terem presenciado o conflicto e que os queixosos pretendiam dar como testemunhas.

Se elle se negar a responder-lhe e o collega tiver empenho em saber, nós porêmos tudo em pratos limpos sem calumniar, pois documentaremos.

Quanto a *prisões em flagrante* devemos dizer que, apezar de não sermos *advogado* nem termos *advogado-consultor*, queremos poupar o collega a discretear sobre o assumpto muito abaixo da sua sciencia e até da sua reconhecida habilidade technica.

NOTICIARIO

Dia a Dia

—

Em vista do grande temporal que ultimamente se fez sentir, não proseguiram no seu passeio á Madeira, regressando sexta-feira a esta villa, os snrs. dr. Pedro Chaves, Manoel Joaquim Rodrigues e Baltazar Botelho Salazar.

=Partiu a bordo do *Laufranc* para Manaos o nosso patricio snr. Manoel Gomes Dias.

—Está felizmente restabelecido da sua doença o nosso estimado correligionario snr. José Maria Pereira d'Almeida.

=Tem guardado o leito por doença os snrs. Eduardo Ferraz d'Abreu e Antonio Augusto Freire de Liz.

—

Escolas Moveis

Começa no principio do mez de dezembro a funccionar no Centro Republicano d'esta villa a Missão das Escolas Moveis pelo Methodo João de Deus, a qual consta de dois cursos diarios—um diurno para creanças e outro nocturno para adultos. A inscripção d'alumnos continua até ao fim do corrente mez, sendo de toda a conveniencia que os interessados o façam sem demora, porque, depois de principiar a missão, impossivel se torna a admissão d'alumnos.

—

O incendio de S. Pedro

Pelas investigações a que os agentes da judiciaria procederam sobre as suspeitas de criminalidade no incendio occorrido no dia 10 no Largo de S. Pedro de que no numero anterior demos desenvolvido relato, chegou-se á conclusão de que o incendio fôra casual.

Bom foi que sobre o facto se fizesse luz, afim de não se enodoar a reputação de ninguem.

—

Fallecimentos

Falleceram na semana passada n'esta villa os snrs. padre Francisco Pedrosa Lopes Vinga e José Lopes Guilherme, da rua das Ribas.

—

Bandeira Nacional

Por intermedio do digno subinspector primario d'este circulo e nosso amigo José Vidal foi entregue á illustre professora da Escola Conde de Ferreira d'esta villa uma linda bandeira nacional, offerecida áquella escola pela Liga Naval Portugueza.

Achamos sympathica e patriotica a intenção da Liga Naval, a qual é educar as creanças no respeito que se deve á bandeira que representa a nossa nacionalidade.

—

Moedas de 200 reis

Termina no dia 30 do mez corrente o praso para a troca das antigas moedas de 200 reis de prata.

Agradecimento

—

Balthazar Machado Botelho Salazar, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer, extremamente penhorado, a todas as pessoas que o cumprimentaram por occasião do incendio da sua habitação e as provas de sympathia e deferencia que recebeu do povo de Ovar.

A' benemerita corporação dos Bombeiros Voluntarios d'esta villa apresenta o testemunho da sua indelevel gratidão pelos serviços que prestou e que são mais uma prova do valor e coragem que a caracterisa.

Ovar, 15 de novembro de 1909.

Balthazar Machado Botelho Salazar.

(52) **FOLHETIM**

Camilo Castelo Branco

A Brazileira de Prazins

—E' elle!—repetiu o abbade.—Você não o viu coxear?

— Falle baixo, falle baixo, e não olhe muito para elle, que eu já o vi deitar-nos os olhos,—acautellou o Nunes.

—Tambem eu...

Estalou n'este comenos uma gargalhada geral. Verissimo tambem se riu, e deu palmas.

—Olha! olha! a dar palmas!—notou o abbade com transporte. Aquillo sensibilisou-o até ás lagrimas! O snr. D. Miguel I a dar palmas ás figuras do *Medico fingido* na eira do Gonçalves em S. Gens de Calvos! Tocante!

A rizada geral e as palmas e os apupos não eram rigorosamente uma ovação ao auctor do entremez nem aos curiosos. Eis o caso: Na scena 1.ª o *Astolfo* pede carinhosamente á filha que côma alguma coisa. Mathilde diz que não póde, *que não está em si, que lhe acuda, porque um suor frio lhe faz perder os sentidos.*

O gargajola esperava ser amparado pelo outro, em harmonia com a rubrica que diz: *Finge desmaio, e Astolfo a sustem nos braços.* Mas ou porque se antecipasse a desmaiar, ou porque *Astolfo* se demorasse a amparal-a, *Mathilde* escorregou de costas sobre o barro ainda fresco do palco, e, no acto de se erguer debaixo dos apupos da multidão, arregaçaram-se-lhe as saias e saiotes até á cintura. Ora a *Mathilde* não usava calcinhas. Um escandalo.

Verissimo Borges não póde sustentar a gravidade competente á sua pessoa. A natureza rebentou por elle fóra n'umas casquinadas convulsas que poderiam custar-lhe uma mócada, se a deflagração do riso não fosse geral.

Mathilde fugiu do palco, enfiou pelo palheiro e não voltou á scena. O ensaiador, o trolha, sahiu ao terreiro a explicar ao publico a suspensão do entremez n'estas palavras:—Aquelle alma do diabo despiu a farpella, e diz que raios o parta, se cá tornar. Vocês póde ir á sua vida que não ha hoje teatro.

Começou a debandar o auditorio em grande algazarra. Verissimo parecia esperar que o galã, o Rêlhas Junior, se despisse para se retirar. O Gonçalves perguntava-lhe:—e que tal esteve a chalaça, senhor! Má mez pr'ó homem, que se mais tivesse mais punha ó léo!—e voltando-se para o abbade que, a pedido do Nunes, guardava respeitosa distancia:—ó senhor abbade! coisa assim não consta! Eu, se me succedesse uma d'aquellas, mettia a cabeça n'um fole.

—São acasos, disse Verissimo com indulgencia.—Não se lembrou que estava vestido de senhora.

O abbade ganhou animo, abeirou-se do Gonçalves, cumprimentando o outro cerimoniosamente, e disse:

—O entremez não presta para nada. Se o homem não cahisse, ninguem se ria.—Provavelmente...—assentiu o Verissimo, correspondendo á cortezia do Torquato Nunes que parecia aproximar-se mais acanhado.—Estes casos de escorregar, accrescentou o desconhecido, acontecem nos primeiros theatros do mundo e até nas salas onde se dança; e de ordinario as senhoras que desastradamente cahem são verdadeiras senhoras. E' muito peor e mais melindroso.

O abbade e o Nunes com muitos gestos affirmativos—que sim, que era muito peor, e mais melindroso, muito mais.

Derivou a conversação para as bellezas naturaes do Minho. O desconhecido sentia ter vindo no inverno, quando apenas se adivinhavam as pompas da primavera.

Principiava a choviscar. O abbade offereceu a sua casa ao forasteiro, emquanto não estiava a chuva. Verissimo acceitou por momentos, visto que não se prevenira com guarda-chuva—um traste que detestava. Os aguaceiros repetiram-se com pequenas intercadencias, varejados pelo sul: por fim, as cristas da serrania empardeceram, as nuvens rolavam pelos declives como escarceus a despenharem-se, fechou-se o horisonte sem uma nesga, e a chuva não parava. O abbade não permittiu que o hospede sahisse com tal tempo e já perto da noite.

Durante a ceia, appareceram algumas raparigas mascaradas com lençoes, abraçando a Senhorinha que servia á meza, e dizendo em falsete pilherias ao Nunes a quem chamavam *Troclates* e *précurador de causas perdidas.* Verissimo mostrava-se contente e dizia.

—Bom povo! excelente povo! Este Minho é o bom coração de Portugal, e os seus habitantes, segundo me consta, possuem os melhores corações do reino. Eram dignos de ser mais felizes do que são, carregados por tributos, esmagados pelo peso dos empregados publicos que são o flagelo de Portugal...

O padre escutava-o com religiosa attenção; o Nunes beliscava a côxa do abbade que tomára a presidencia da meza e pozera o hospede á sua direita.

No fim da ceia, o padre Marcos com o copo na mão, e de pé disse que fazia uma saude ao seu hospede, porque lhe parecia que tinha a honra de beber á saude de um realista, d'um partidario de sua magestade o senhor D. Miguel I que Deus guardasse! O hospede agradeceu, declarando que mesmo n'uma roda de liberaes não negaria os seus sentimentos politicos: que era realista, e como tal brindava á saude de todos os amigos do principe proscripto.

TANOARIA

E

ARMAZENS DE VINHOS

PARA

Consumo e exportação

DE

Carrelhas & Filho, Suc.or

Grande deposito dos seus conhecidos vinhos--CELESTE (clarete), VIRGEM BAIRRADA (encorpado), VERDE DE CAMBRA e SUPERIOR BRANCO.

Alcool; aguardentes de vinho, figo e bagaceira; geropigas finas e baixas.

FINOS VINAGRES TINTO E BRANCO

Na sua "Tanoaria,, faz, toneis, pipas, quartolas, barris de quinto, decimo, vigesimo e todo o mais concernente á mesma garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

RUA DAS FIGUEIRAS

OVAR